

POVO ALGARVIO

SEMANARIO REGIONALISTA

Director, Editor e Proprietario:
Manuel Virgínio Pires

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

Próspero Ano Novo

Deseja o «POVO ALGARVIO»
aos seus amigos e leitores

NOS VELHOS TEMPOS

HÁ pouco mais de cinquenta anos Tavira era um paraíso em abreviatura. Mercê do ambiente calmo e das comodidades que a cidade oferecia, dava gosto viver. A monotonia quebrava-se de vez em quando, ao surgir um dia chamado «de grande gala». Estava-se na «belle époque» da filha do Gilão.

Um dos mais animados era precisamente o famoso dia de «Ano Bom», assim referido para ver se ele se metia em brios e timbrava em merecer o elogio.

A passagem do ano fazia parte dos antigos desportos de Inverno, dos mais animados. Celebrava-se com «reveillon», em casa de pessoas resolvidas a gastar ou nos clubes de recreio.

Também se celebrava com menos aparato, em casa das famílias pacatas e de várias maneiras, sendo a mais sensata cada um deitar-se à hora do costume, com a consciência tranquila e sem dever cinco réis a ninguém.

As pessoas tementes a Deus iam ao Te Deum, dar graças

Continua na 3.ª página

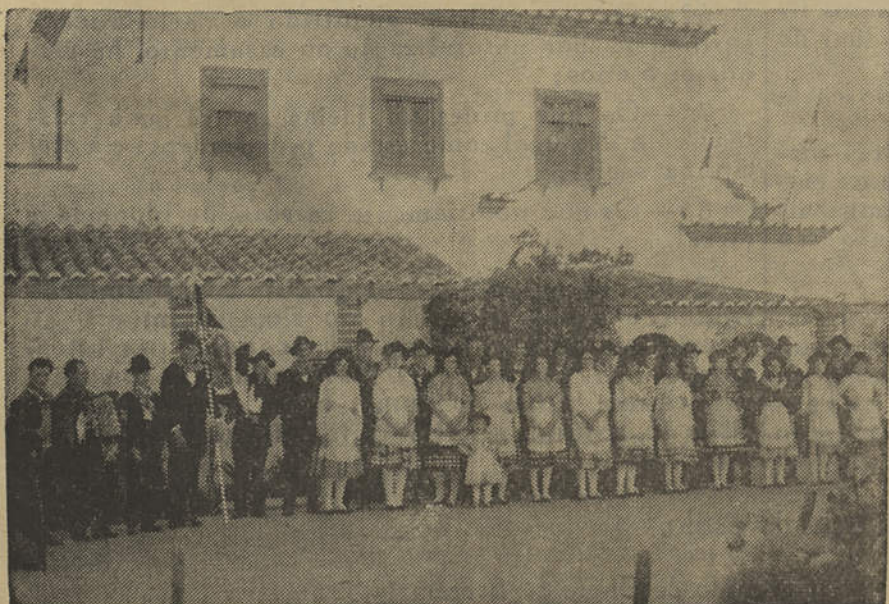
Rancho Folclórico

da Casa do Povo de Conceição

Hoje, a convite do Alcaide de Ayamonte, vai exhibir-se numa festa promovida pelo «Ayuntamiento» daquela cidade espanhola, comemorativa da quadra festiva do Natal.

Amanhã, exhibir-se-á também o reveillon que se realiza no Casino da Praia da Armação de Pera, a convite da Junta de Turismo local.

O Rancho Folclórico da Casa do Povo da Conceição, conforme prevíamos, vai assinalando os seus méritos em prol da propagação do folclore regional, marcando com a sua presença uma nota viva nas tradições musicais e artísticas do concelho de Tavira.



O Rancho Folclórico da Casa do Povo de Conceição de Tavira

O Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve comemora cinco anos de actividades

NO passado dia 19 corrente, inaugurou-se na sua sede, em Faro, uma exposição de maquetas de todos os cenários utilizados por aquele Grupo, esboços, fotografias de representações, críticas, prémios e diplomas conquistados, para comemoração dos cinco anos da sua actividade.

Fez uma palestra sob o tema «O Teatro de Amadores de Faro», o ilustre Director artístico daquele grupo, sr. Dr. Emílio Campos Coroa, valioso elemento, que historiou a evolução daquele excelente conjunto artístico que tantas noites gloriosas tem dado ao Algarve.

A exposição estará patente ao público durante a quadra festiva do Natal e na qual figuram programas antigos do Teatro Lethes, Teatro 1 de Dezembro, Ginásio Clube, Teatro Circo, Sociedade dos Artistas, etc.

Felicitamos o Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, pelas comemorações dos seus cinco anos de vida e pela simpática iniciativa da exposição.

Este número foi visado pela
Delegação de Censura

O Artista do Marão

O seu nome?... Talvez não importasse dizê-lo nem fixá-lo, pois quem sabe por exemplo como se chamam muitos dos arbustos dos campos e das florestas ou a designação de ervas maravilhosas que na sua pequenez e insignificância não revelam os prodígios de seus efeitos de vida e de morte? No entanto, existe o artista do Marão, posso afirmar que o vi algures e se chama Marcos, ossatura forte, andar nervoso e altivo, rosto trigueiro e sobranceiras fartas e cujo espirito todo se mostrava no sorriso fascinante.

Numa tarde feia e de chuva invernia, saiu de casa sem avisar ninguém, orgulhosamente envolto na magia de seus sonhos de arte e de pensamento. Desde há muito se sentia cansado de ver a monotonia dos pinheirais e até de escutar o barulho das águas nos córregos dos campos e de parar em frente das vacas luzidias pastando com seu ar burguês. In-

Continua na 2.ª Página

Procissão de Nossa Senhora do Livramento

Se o tempo permitir realiza-se hoje pelas 15,30 horas, a tradicional procissão de Nossa Senhora do Livramento que por motivo da chuva não saiu no dia 26.

Se porventura a chuva voltar a cair mais uma vez a procissão ficará adiada para o dia de Ano Bom.

por M. Rio

Construa-se, abram-se as portas ao progresso, mas respeite-se a tradição

Conversando com o leitor.

Um insondável mistério: A venda de terrenos no Algarve,

A BREM-SE-ME hoje as páginas do «Povo Algarvio» para, através delas, conversar um pouco consigo, leitor. E de que vamos falar? Há sempre uma multiplicidade de temas a tratar. E acerca do Algarve os assuntos nunca se esgotam porque é preciso insistir e quem tem algo de válido para dizer não deve ficar calado. Quem, como nós, acompanha na medida das suas possibilidades os problemas do desenvolvimento turístico do Algarve, não deixará certamente de ficar admirado com tão grande diversidade de opiniões acerca dos mais importantes aspectos em que se deve considerar tão ingente problema.

Não abro dia algum os diários da capital que não leia anúncios de venda de terrenos no Algarve.

Há um insondável mistério por detrás de tudo isto. O mais interessante é que todos os terrenos são vendidos para construção e o resultado vê-se. Impera a desenfadada especulação. Quanto a isto tenho uma opinião segura: a construção deve ser obrigatória no prazo dos dois anos, estipulados pela lei.

Não há muito houve quem se insurgisse em alguns órgãos da Imprensa contra a construção do Algarve. Nem oito nem oitenta. O que me parece acertado é que se construa, sim, mas de acordo com a arquitectura regional.

Continua na 2.ª página

Festa do Natal das crianças na Luz de Tavira

Conforme noticiámos realiza-se hoje na Casa do Povo de Luz de Tavira, a Festa do Natal das crianças, que será presidida pelas entidades oficiais.

O Natal na Casa do Algarve

Constituiu uma das mais expressivas manifestações da actividade beneficente da nossa Casa Regional, em Lisboa, a distribuição, no corrente ano, do seu já tradicional «Auxílio de Natal».

Cerca de 500 famílias de algarvios necessitados residentes na capital, foram contemplados com donativos em dinheiro, que totalizam cerca de 25 mil escudos, e latas de conservas de peixe, em número superior a 1500. Várias famílias receberam também géneros de mercearias, roupas e agasalhos.

A entrega dos donativos foi efectuada pelas senhoras protectoras assistentes da Comissão de Beneficência da colectividade, com a assistência dos presidente e vice-presidente da Direcção; dos presidentes honorário e efectivo da referida Comissão; do secretário-Caixa da mesma e outros membros dos corpos restantes.

Iniciou a cerimónia, por uma breve prática sobre a já notável obra beneficente da Casa do Algarve e o sentimento fraterno que a todos une na época festiva do Natal, o benemérito algarvio padre João Soares Cabeçadas, tendo proferido também, seguidamente, eloquentes palavras alusivas ao acto, outro benemérito algarvio, o sr. dr. Humberto Pacheco, nas quais salientou, gratamente, como presidente da Comissão de Beneficência, a generosidade das dadas que possibilitaram a distribuição que ia realizar-se.

Comandante Carlos Pacheco Pinto

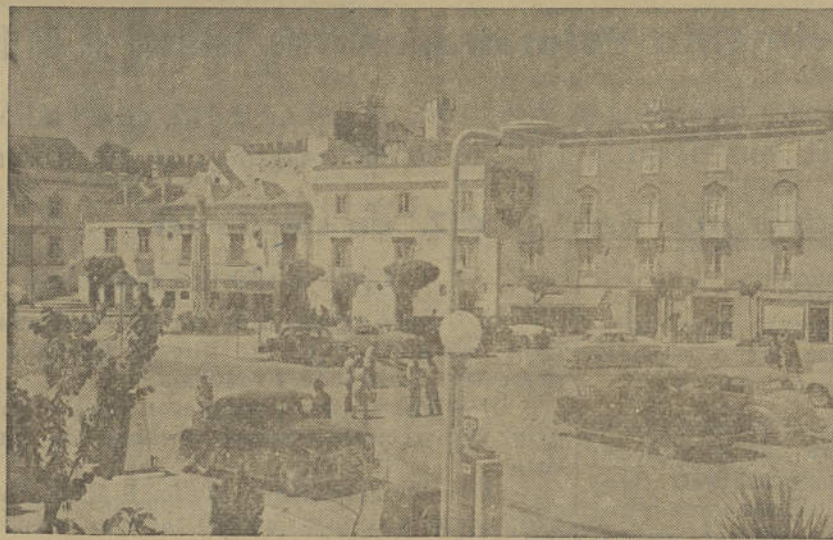
Foi nomeado Ajudante de Campo do sr. Ministro da Marinha, o nosso prezado amigo sr. Comandante Carlos Pacheco Pinto, Director do Museu Marítimo de Faro e antigo Capitão do Porto de Olhão.

Por tal motivo endereçamos ao distinto oficial da Marinha e nosso velho amigo as mais sinceras felicitações.

Concurso de Charolas

Promovido pela Casa do Povo de Luz de Tavira, realiza-se no próximo dia de Ano Novo, o tradicional Concurso de Charolas que muito contribui para a valorização do folclore regional.

TAVIRA DE HOJE



Praça da República



NO dia 22 deste mês, o sr. Dr. Jorge Correia, acompanhado de outras entidades oficiais, do corpo docente e de mais funcionários daquela Escola, e dos representantes da imprensa, inaugurou uma exposição de trabalhos dos alunos, alusivos ao Natal e ao Dia da Mãe. Esta exposição estará patente ao público, nos próximos dias 30 e 31 do corrente, das 16 às 17 horas.

As aulas reabrem às 8 horas da manhã do próximo dia 3 de Janeiro.

CONTINUAM afixadas no átrio da Secretaria da mesma Escola, as classificações do 1.º período, as quais podem ser observadas nos dias úteis às horas do expediente da referida repartição.

POR um acidente ocasionado nesta Escola, um aluno vai receber da Comissão de Seguros Escolares da Direcção-Geral do Ensino Técnico, o equivalente a 41 dias de salário.

Uma Comissão de lavradores algarvios enviou um telegrama de felicitações ao sr. Dr. Jorge Correia pela sua brilhante intervenção na Assembleia Nacional sobre o problema dos frutos secos

UMA Comissão constituída por duas centenas de lavradores algarvios endereçou ao sr. Dr. Jorge Correia, ilustre deputado pelo Algarve, um telegrama de felicitações pela sua brilhante intervenção na Assembleia Nacional a propósito do problema dos frutos secos, uma das principais fontes de receita da província, que se tem esvaído mercê de certos potentados oportunistas.

A referida Comissão que continua a trabalhar, cremos

Continua na 2.ª página

O Artista do Marão

Continuação da 1.ª Página
vadira-o o fastio duma vida prosaica que ri do mais capaz e cerceia com imposições de preconceitos e de dinheiro o mais forte, e que lhe impusera na frente larga de 23 anos umas rugas tristes. Queimavam-lhe ainda os olhos as brasas em que sua mãe destruiu o melhor de seus livros, julgando assim fazer de Marcos um lavrador tenaz, arrancando-o à sua estranha solidão de filósofo incompreendido e sem amor. Na realidade, não era como o comum dos mortais porque nascera artista antes de nascer homem, aceitando com passivo prazer essa fatalidade luminosa.

Marcos partiu rumo à cidade em busca de novos horizontes que nem ele saberia dizer quais crente que se libertaria de suas amarguras em qualquer parte. Sente fome aguda e violenta de beleza e de paz, anseia um amor inteligente, ser bom e deliciar-se com a beleza da terra e do firmamento, deixar-se embalar na música suave e adormecer de Chopin, arrebatar-se com o sublime e as profundezas metafísicas de Beethoven, sonhar com Schuman a poesia da natureza, embeber-se do espírito de Mozart, exaltar-se com as óperas de Wagner e por fim exclamar a todo o mundo como Verdi: «tudo na vida é uma enorme farsa». Marcos queria contemplar numa hora só, numa só noite, a energia das pinturas de Miguel Angelo, a doçura dos quadros de Rafael, a nobreza e inteligência dos de Vinci, a impetuosidade de Ru-

bens, ou o misticismo ardente de Velasquez. Atravessar salões dourados, cujos ladrilhos rendilhados fossem varridos por sedas e brocados, sentir espíritos superiores dos génios das artes e das ciências, ver a graça esvoaçar e o sorriso florir em rostos finos e belos... Divagar pelas galerias dos museus de todo o mundo e por todos os sítios que outros homens imortalizaram, vibrar com as tragédias grandiosas de Shakespeare ou a grandeza olímpica de Goethe, inundar seus olhos com a beleza dos jardins palacianos, ver todos os panoramas, o bucolismo das grandes paisagens, rios montes e mares caindo ao fim do dia exausto com volúpia das coisas belas. E assim compreender, perdoar e sorrir como nos dias de sua infância...

Não tropeçar na miséria a cada esquina, não enfrentar ódios e invejas e matar a mentira e a calúnia. Ver-se livre para criar suas obras, para transmitir à sua geração e aos tempos as ideias generosas que lhe encandesciam o cérebro e inflamavam a fantasia. Mas a vida, sempre a vida! — tudo lhe negava, como costumava fazer aos mais aptos nascem para apreciar o mundo e tudo quanto de belo o espírito humano criou através dos séculos.

Porém naquela noite, não haveria de ser assim. Marcos iria transformar os sonhos em realidades, esquecer as coisas tristes, fugir à monotonia de sua existência. Era já noite e horas de jantar. Tinha fome mas o dinheiro que trouxera de pouco lhe valeria. Entre-

Despedida

Jacinto Pires Faleiro, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente vem, por este meio, apresentar os cumprimentos de despedida a todos os amigos e familiares e oferecer-lhes os seus préstimos em Mohammedia, Marrocos, onde reside.



tanto, aproximava-se também a hora dos teatros e dos cinemas e Marcos tinha que decidir-se ou pelo restaurante ou pelos bailados famosos que se estavam exibindo numa das casas de espectáculos. Com passo firme, dirigiu-se para a bilheteria, onde com enorme desespero soube que a lotação esgotara. Porém, o destino nem sempre abandona os seus eleitos, quando a dor se lhes crava no peito. Ao voltar para trás, uma jovem e linda mulher lhe perguntou:

— O senhor quer um bilhete para esta noite assistir aos bailados de Londres?... posso ceder-lhe um, pois uma amiga minha desistiu...

Marcos não respondeu logo. Apenas olhou mais tempo do que quereria, fazendo-a sorrir. Depois, recompondo-se rapidamente, pegou no bilhete e agradeceu com um sorriso também. Naquele bilhete, Marcos encontrara o alimento que precisava seu espírito, encontrara a felicidade daquela noite. Entraram os dois... no teatro e no caminho da ventura.

E ainda hoje lhe chamam o artista do Marão!

Construa-se, abram-se as portas ao progresso, mas respeite-se a tradição

Continuação da 1.ª Página

Permito-me apontar um exemplo: o Hotel do Garbe em Armação de Pera. Tendo sido construído sobre as rochas junto à praia, não há dúvida que a solução adoptada foi a melhor. Imperou o bom gosto. Já o mesmo não se dirá do Casino-Turismo da mesma praia mas, dadas as limitações em que se iniciou a sua construção, não há dúvida de que se andou também pelo melhor lado. A decoração da sala principal é que deixa muito a desejar. Mas, enfim, são opiniões e há que respeitá-las.

Aponte dois exemplos: duas soluções adequadas que não destoam da tradição e ficam perfeitamente enquadradas na paisagem algarvia.

Construa-se, abram-se as portas ao progresso, não se vá estragar tudo com desenfreadas especulações, que já começaram a aparecer um pouco por toda a parte.

Exerça-se uma rígida vigília sobre as transacções de propriedades. O que de mal se fizer hoje, terá os seus efeitos num futuro tão próximo que nem nos atrevemos a adivinhar.

Vende-se

Prédio urbano em Tavira com os n.ºs de polícia 31 e 33 da Rua Dr. Parreira e 66 a 70 da Rua José Pires Padinha.

Dirigir propostas até 31 de Janeiro, a Eng. José Mansinho da Graça, Praça do Príncipe Real, 6-2.º-Dt.º — Lisboa.

Uma Comissão de lavradores algarvios enviou um telegrama de felicitações ao sr. Dr. Jorge Correia pela sua brilhante intervenção na Assembleia Nacional sobre o problema dos frutos secos

Continuação da 1.ª Página

que vai expôr ao Governo mais uma vez a situação aflitiva em que se debate o produtor de frutos secos que, de ano para ano vai empobrecendo à custa do parasitismo dos negociantes que vão enriquecendo a olhos vistos.

Estão plenamente confiados na acção do Governo promulgando a organização do comércio de compra e venda de frutos preconizada pelo sr. Dr. Jorge Correia no seu magnífico estudo apresentado há dias em S. Bento.

Por diversas vezes o nosso jornal tem ventilado este magno problema e as suas colunas continuam à disposição dos produtores que desejem expôr as suas ideias sobre o mesmo.

Se o momento é de grandes realizações, os produtores de frutos do Algarve não podem continuar a viver à mercê de quem lhes pague os seus produtos por preços irrisórios que por vezes não chegam a cobrir as despesas da apanha e armazenamento dado o natural aumento de salários.

Criou-se um círculo vicioso onde de há muito se afundam energias e boas vontades sem resultados práticos.

Mas há que agir e se a união faz a força estamos certos de que os lavradores algarvios com o apoio do Governo resolverão este velho problema em que se debatem.

Assinal o "Povo Algarvio".



EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Emiliano do Nascimento Palmeira, Aspirante, servindo de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Tavira:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do Art.º 10.º, da Lei n.º 2 015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1963, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos Art.ºs 1.º e 2.º da citada lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas;

- a) — Curso geral dos liceus;
- b) — Curso do magistério primário;
- c) — Curso das escolas e belas-arts;
- d) — Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados que, sendo chefes de família estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º. Para os efeitos do disposto nest: número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiado a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão, mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 20 de Dezembro de 1962

Servindo de Chefe da Secretaria,

(a) Emiliano do Nascimento Palmeira

Nos velhos tempos

Continuação da 1.ª página

pelos favores recebidos durante o ano findo e, sobretudo, meter cunha no Céu a ver se recebiam o dobro ou triplo no ano seguinte.

Os que dançavam «lanceiros» passavam de ano voltando nas salas transformadas em casas de orates, com a terrina à cabeça, ou crista de galo, ou outra parvoíce qualquer. Pela greta da porta espreitava a menina mais velha que ficava pensando que os seus pais não eram nada as pessoas respeitáveis que inculcavam, mas garotos grandes e poderosos que mandavam deitar os pobres garotos mesquinhos, para se porem a brincar como eles.

D. Auzena Xabregas descia a escada com as suas amigas. Ao dar a meia-noite subia-a pacientemente e risonhamente, engasgada com bombons.

O sr. Eustáquio (ai que senhor!) contentava-se em passar o pé do chão para cima da cadeira, sem mais cerimónias, para cima do tampo da mesa mais próxima, e lá se quebravam bilheteiras, habilidades feitas em cascas de ovos, castiçais de pingentes e todo o mundo de ratões com que adornavam as mesas.

Havia quem se afervorasse, de rosário de camândulas, a bichanar rezas, como se fosse embarcada e passasse entre Cila e Caribdes.

E também havia quem entrasse um pouco ousadamente na ceazita pesada, pensando que a na próxima quaresma ressaltaria os efeitos com as abstinências e jejuns quando não mandaria vir, à sucapa, o barbeiro, com a lanceta a fazer uma sangria, por via dum as auras, na cabeça.

No dia primeiro do ano vivia-se o delírio de dar «boas entradas».

Muito cedo, os «Limpinhos» e os «Namarrais» esforçavam-se a percorrer a cidade, dando as boas festas aos sócios. Estes matinais cumprimentos musicais faziam abrir as janelas à pressa para os ver.

Lá vinham! Vistosos e estroados, marciais, bem alinhados, com a farda garrida e os instrumentos de metal reluzente, soltando baforadas de música recolhida nas folhinhas de papel muito espetadas.

O bombo e o pratilheiro atraíam a simpatia da gente miúda. Imensa garotada corria atrás, a passo largo e com os pésitos à vela.

Por todos os lados se davam «boas festas». O comércio oferecia calendários. As repariguinhas estreadavam cabeções e regalos de pele de carneiro (porque «quem no dia de Ano Novo não estria, todo o ano pia») e os rapaziños vestiam à marinheiro, as fardas da armada e da marinha francesa, da alemã, e, dum maneira geral, todos iam «à música», ao jardim, que então era jardim, e, aí, a banda luzidamente arrebatava os melomaniacos e deixava indiferente a tagarelíce das senhoras, da mais interessante tessitura.

Depois da música... ai, depois da música, o intervalo era de semínima. Quando o antigo relógio, por cima do lindo braço de pedra, por quem a torre ainda hoje chora, dava as cinco horas, confortados com dezenas de «anos felizes e prósperos» concordavam que era tempo de jantar.

A noite, escusado procurar no jornal notícias de Paiva Couceiro. As folhas eram poucas para os bilhetes das firmas comerciais que se mostravam generosas em dar boas festas.

E o bom tavirense, sem dever nem temer, deitava-se na cama, fatigado dos prazeres do «dia de grande gala», dos cum-

Um novo organismo

OS problemas dos trabalhadores, quer sob o aspecto da garantia do salário mínimo, através da assinatura de contratos colectivos de trabalho, quer sob o da prevenção e combate às doenças profissionais, estão sempre na primeira linha das actividades do Ministério das Corporações e Previdência Social.

A comprová-lo está o novo organismo agora criado na Junta de Acção Social — O Gabinete de Higiene e Segurança do Trabalho — que vem iniciar uma nova fase na luta contra a prevenção de acidentes e doenças profissionais.

Depois da Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais instituída pela portaria n.º 17 118 de 11 de Abril de 1959 e da acção de doutrinação do Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais do Grémio dos Seguradores, surge agora este novo organismo que vem fazer face à crescente necessidade de se prosseguir activamente no capítulo da higiene e prevenção, dado o aumento da população fabril, pelo reapetrechamento industrial e a utilização de novos processos técnicos que impõem meios de actuação diferentes e especializados.

O novo organismo revestirá a forma de um gabinete de investigação e estudo, ordenado a um mais amplo conhecimento e divulgação dos princípios e métodos da prevenção de acidentes de trabalho e doenças profissionais e destina-se fundamentalmente a apoiar tecnicamente o Ministério das Corporações e os organismos directos ou indirectamente dependentes nas suas actividades de prevenção, bem como as comissões de segurança criadas nas empresas por iniciativa destas ou por expressa determinação de convenções colectivas. Neste último caso, a sua finalidade será, porém, essencialmente educativa e de apoio doutrinário ou psicológico, em ordem a robustecer nos locais e ambientes de trabalho o necessário espírito de prevenção, de forma a deles afastar, quanto possível, o acidente e a doença profissional.

Outras das finalidades do novo organismo é formar técnicos e monitores de segurança, designadamente através da concessão de bolsas de estudo e da organização de cursos a realizar em colaboração com o Instituto de Formação Social e Corporativa.

Confiemos, pois, no novo organismo corporativo que para além de todas as suas finalidades tem, como todos os outros, a de defesa do bem estar dos trabalhadores. E isso, que parece pouco, é muito.

VENDE-SE

Propriedade rústica no sítio da Capelinha.

Dirigir propostas até 31 de Janeiro a Eng. José Mansinho da Graça, Praça do Príncipe Real, 6-2.º-Dt.º — Lisboa.

primentos de cerimónia, com um cuidado: é que se a talassaria levava a melhor precisava cair-se depressa os nomes das ruas principais, preparados para a recepção da visita do Afonso Costa, que andava pelas terras anunciando o seu famoso «bacalhau a pataco».

E era o primeiro cuidado do ano, discutido à porta da Havanca. no cavaco da botica, ou na barbearia ao descer da ponte. Atrás deste, quantos, inutilizavam as felicidades e prosperidades doiradas que todos davam farta e escusadamente, por ninguém as receber.

M. G.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria João Fagundes Peres, D. Maria da Glória Oliveira Bomba, menino Paulo Jorge Cavaco de Oliveira Cruz e os srs. Dr. Manuel Sabino Costa Trindade, Jaime Luís Santos Pires e Flausino Sabino Viegas.

Em 31 — D. Ermelinda da Conceição Lima, menino Juvêncio Abel Pires e o sr. José António Romeira.

Em 1 — D. Maria Eduardo Cordeiro Conceição, D. Isabel da Silva Vargues, D. Maria João Costa, D. Marcela do Nascimento Costa Trindade, D. Luísa Viegas Nobre, D. Maria José Varela Ceras Ferro, D. Catarina Camacho Rodrigues, Infante Peleja, menina Maria Estrela Pereira Forjaz e os srs. João Baptista e António Vitor Martins.

Em 2 — D. Maria Helena da Silva Modesto d'Avilez de Basto, meninas Maria Diná Ramos Afonso, Maria Anabela Pinto Conceição e os srs. José Augusto Baptista Pires, Augusto Domingues da Encarnação Martins e Custódio Sesinando Nobre Lopes.

Em 3 — D. Maria Beatriz da Assunção Galhardo, D. Maria Helena da Silva Rosa e os srs. Carlos Nery Fernandes Bandeira, João Martins Victor e António Joao da Silva Matos.

Em 4 — D. Maria Emilia Lopes de Figueiredo e os srs. José Augusto Soares de Matos, Amadeu da Silva Fernandes, Manuel Soléio Padilha, Carlos do Nascimento Rocha e Carlos Viegas do Nascimento Rocha.

Em 5 — D. Maria José Soares da Fonseca e os srs. Fernando Avelino Lopes da Cruz e Luis Manuel da Conceição Esteves.

Partidas e Chegadas

Com sua família esteve em S. Brás de Alportel, onde passou o Natal, o nosso prezado amigo e assinante sr. João Viegas Faisca, conceituado chefe do serviço de hipotecas de «A Confidente».

Com sua esposa esteve nesta cidade, onde passou o Natal com seus sogros, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Celestino dos Santos Amaro Junior, funcionário dos escritórios da C. P. em Lisboa.

Com sua esposa e filha encontra-se nesta cidade, onde veio passar o Natal, o nosso conterrâneo assinante, sr. Helder Estêvão Rodrigues Pescada, aspirante de Finanças, em Almada.

No gozo de férias do Natal encontra-se nesta cidade, o sr. major Castro Sousa, que presentemente se encontra em Pedrouços frequentando o curso de Altos Estudos Militares.

Com sua esposa e filha encontra-se passando as férias na quinta de seus sogros, em Moncarapacho, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Eng.º José Ezequiel Mansinho da Graça, residente em Lisboa.

Com sua esposa e filhinhos foi passar as férias do Natal na capital, o sr. Dr. Carlos Leitão Beça Pereira, maritíssimo Juiz de Direito desta comarca.

Com sua esposa e filhinhos encontra-se nesta cidade, onde veio passar a quadra festiva, o nosso conterrâneo sr. Vitor Soares, aspirante de Finanças, nas Caldas da Rainha.

Com sua família regressou de Luanda onde se encontrava prestando serviço, o nosso conterrâneo e assinante sr. Arnaldo Casimiro Anica, 1.º sargento do Exército.

No gozo de licença encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo e assinante sr. José Júlio Alves Leandro, 3.º oficial de finanças, ao serviço em Setúbal.

Batismo

No dia 26 do corrente, foi registado na Conservatória do Registo Civil de Tavira, uma criança do sexo masculino a quem foi posto o nome de Alexandrino Luis Lopes Cavaco Canau, filho do sr. Geleate António Canau e da sr.ª D. Maria Alexandrino Lopes Cavaco, ambos professores oficiais do ensino primário. Foram padrinhos o avô paterno sr. Jerónimo António Canau e o avô materno sr. Alexandrino Guerreiro Cavaco, ambos proprietários.

Propriedade

Vende-se uma quarta parte da propriedade denominada «Azeda», junto ao mar.

Recebe propostas, Julieta Gil — Santa Rita.

MODISTA

FATOS-CASACOS-VESTIDOS

Execução de toilettes para casamento

— Maria Vivellna Cruz —

R. D. Paio Peres Correia n.º 16

TAVIRA

Livros e Revistas

O Livro das mil e uma noites

— Mensagem de uma raça que talvez mais que todas, prezou a beleza, o amor e a coragem. O Livro das Mil e Uma Noites é a obra literária, entre todas, em que esses três elementos nos surgem em toda a sua força e pujança, a par da fantasia e dos mais ousados voos de imaginação que cérebros humanos já conceberam. Ao empreender a publicação deste livro imortal, obra fundamental e necessária, no dizer de André Gide, os Estúdios Cor prestaram um verdadeiro serviço à cultura nacional pois dificilmente se compreendia que não existisse ainda entre nós uma tradução fiel e integral desta obra que nenhum país verdadeiramente culto desconhece.

Com os fascículos n.ºs 41 a 43, de que hoje damos conhecimento aos leitores, conclui-se o 5.º e penúltimo volume. Contém ele essas maravilhosas histórias, cujos títulos são, por si só, um convite à evasão e ao deslumbramento: «As Duas Vidas do Sultão Mahmud», «O que se Conta das Noventa e Nove Cabeças Cortadas», «A Malícia das Esposas», «Os Encontros de Al-Rachid na Ponte de Bagdade» e «História de Ali-Baba e os Quarenta Ladrões». Traduzem-nas escritores como Celeste Andrade, Jorge de Sena, David Mourão Ferreira e José Gomes Ferreira e ilustram-nas Daciano Costa, Sá Noqueira, Lima de Freitas e Luis Filipe de Abreu.

Dicionário da Pintura Universal — Concluído o 1.º volume deste notável empreendimento editorial a que os Estúdios Cor em boa hora meteram ombros, acaba de ser publicado o fascículo n.º 15, com que se inicia o 2.º volume. É possível agora ao público aperceber-se melhor do mérito da iniciativa, sem dúvida digna do melhor carinho, pelo que representa de esforço sério e honesto no sentido de proporcionar às inúmeras pessoas interessadas nos problemas da arte uma oportunidade de ampliarem os seus conhecimentos.

Neste fascículo avultam os artigos em que são estudadas a vida e obra dos artistas Magnasco, Malevitch, Manet, Mantegna, Marc, Marquet, Martini, Masaccio, Masson e Matisse. Dos artigos de conjunto, salientamos: «Macchiaioli, Maneirismo, e «Marchand». Belíssimas ilustrações a cores enriquecem estas páginas, destacando-se pelo seu interesse as seguintes: «Argenteuil — Les Canotiers» de Manet, «O Encontro» de Mantegna, «Descida da Cruz» de Martini, «Crucificação» de Masaccio e «Interior em Azul» de Matisse.

Panorama das Artes Plásticas Contemporâneas — Com louvável regularidade, prossegue a publicação do «Panorama das Artes Plásticas Contemporâneas» de Jean Cassou, editado pelo Editori l Estúdios Cor. Saiu há pouco tempo o fascículo n.º 7, o qual, como os an-

Calendário

Do sr. Renato Júlio Peres, representante da afamada fábrica de materiais de construção «Novinco», recebemos a oferta de um interessante calendário para o ano de 1963.

Os nossos agradecimentos.

Vende-se

Terreno para construção de prédios, bem situado na área da cidade.

Quem pretender dirija-se a esta R-dacção.

Vende-se

Uma casa com quinta, poço, árvores de fruto e terreno para semear, na Travessa dos Machados, 31, em Tavira e uma courela no sítio de Padre Maia.

Quem pretender dirija-se a Joaquim dos Santos, Rua da Liberdade, 12, nesta cidade.

teriores, apresenta matéria do maior interesse. Com ele finda a parte dedicada à arquitectura, sendo de salientar os textos transcritos de Le Corbusier, Georges Combet, Pierre Lacroix, Mies Van der Rohe, Lucio Costa, Del Marle, Arthur Drexler, Adriano Olivetti e E. Montuori. Vem depois o capítulo «As Artes do Espectáculo», em que são estudados o teatro, o bailado e o cinema dos nossos dias. O expressionismo alemão e o Bauhaus são tratados a seguir, iniciando-se ainda o capítulo dedicado ao estudo circunstanciado da obra de Kandinsky e de Klee.

História Ilustrada das Grandes Literaturas — O fascículo n.º 18 desta obra monumental que a Editorial Estúdios Cor vem publicando, e que agora está tratando da literatura portuguesa, é um dos mais interessantes. Basta dizer que nele são estudadas as obras de Camilo Castelo Branco, de Antero de Quental e de Oliveira Martins, três dos nossos maiores escritores. Naturalmente, é estudado também o movimento que entre nós ficou conhecido pela «geração de 1870», um dos pontos mais altos a que as nossas letras chegaram. No capítulo dedicado a Camilo são de particular interesse os seguintes aspectos: «O Romance Sentimental», «Língua e Estilo de Camilo». A fase polémica da geração de 1870 é tratada com a maior clareza e rigor. A evolução ideológica de Antero de Quental e a sua obra poética são postas a uma luz elucidativa, o mesmo sucedendo com os aspectos da personalidade e da obra de Oliveira Martins.

Entre as ilustrações que enriquecem o texto, destaca-se uma reprodução do retrato de Antero por Columbano. Além de um desenho de Manuel de Macedo sobre «O Hissopo» de Cruz e Silva, são também publicados retratos de Francisco Manuel do Nascimento, Alexandre Herculano, Júlio Diniz, Gomes Leal, António Nobre e Teixeira Gomes.

ROMEIRA

Todos os fios de lã para tricot

encontra V. Ex.ª aos melhores preços do mercado no depósito da fábrica.

MEIAS DE NYLON • Preços de Fábrica

Fábrica Depósito

Alenquer R. dos Fanqueiros, 96, 1.º-Dt.

Telefone 15 Telefone 21691 — LISBOA

ENVIAMOS AMOSTRAS — FAZEMOS REMESSAS À COBRANÇA

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13



Retalhos desta Lisboa!

por **Liberto Conceição**

Ano Velho — Ano Novo!... Mais um ano está quase a chegar ao fim, com todos os suspiros, tragédias e amarguras em que se debateu esta incrível humanidade!



No espaço a terra é a mesma embora os homens, numa ânsia insatisfeita de progresso tudo façam para levar os seus habitantes até outros planetas, uma vez que já são vulgares as passeatas dos cosmonautas ao seu redor!

Os seus hábitos em relação ao Sol e às outras estrelas permanecem inalteráveis! No entanto nós mudamos... ou pelo menos achamos que mudamos!

O «Reveillon» — pura convenção que as Sociedades da nossa terra continuam a manter — tem a propriedade de fixar um marco ideal no tempo. Deixa-nos a pensar que no fim de cada 365 dias, tudo se modificará drasticamente sobre a face da Terra! Então surpreende-nos acreditando que no Ano Novo, que se aproxima, as coisas irão melhorar. Que o ano mau foi aquele que findou! Lendas!!!

Mas é bom acreditar em sonhos. Ai de nós se não fossem as lendas do Mundo e as suas crenças!

Vejam o ano que vai morrendo. A ideia deste fim vem sempre ligada, em nossas almas, à imagem tantas vezes vista na infância de um velho alquebrado saindo do caminho do Tempo, para deixar o lugar ao Menino feliz que representa o Ano Novo ou Ano Bom como lhe chamam os optimistas!

Mas será sempre assim? Quando, como agora acontece, a nossa Pátria atravessa um momento difícil da sua história, vendo bandos esfaimados de abutres planando, de garras afiadas, no desejo de colher farta e saborosa presa, materializada por essa «África portentosa», que os nossos avós pacificaram e ergueram do nada, cimentando-a com sangue e lágrimas, queremos, neste dealbar do Ano Velho, — para nós, portugueses, de tão tristes recordações — Pedir que Deus dê a Portugal, no Ano Novo que se avizinha, aquela paz, felicidade e tranquilidade porque tanto anseiam, velhos camaradas de armas que, lá longe, na distante Angola, vivem e morrem pela grandeza e glória deste Portugal que queremos seja eterno!

Gruzada de Amor! Quando, na véspera de Natal, à noite, fazíamos horas para assistir à tradicional Missa do Galo, desta vez não na igreja de S. Tiago ou de Santa Maria — de saudosas recordações — mas sim na de linhas modernas que se ergue no coração de Alvalade, fomos enternecidos, uma reportagem do jornal dessa tarde, o «Diário Popular».

Contava ela, com largos pormenores e elucidativas fotografias, a alegria imensa sentida por esses quatro garotos, arrancados ao acaso nos bairros da lata, tugúrios degradantes, que são ainda uma chaga viva nesta opulenta, luminosa e aristocrática cidade do Tejo, encanto dos turistas, aos quais apenas se mostram os «novos» bairros ou as «velhas» ruas de Alfama ou do Bairro Alto, onde hoje proliferam as «Naus Catrinetas», as «Tocas», as «Mesquitas» e as «Hermíneas» e viveram o sonho feliz de serem vestidos e calçados, dos «pés à cabeça», e depois deambularam, alegres, em festas, goluseimas e brinquedos!

Feliz iniciativa aquela! Maravilhosa cruzada de ternura, fraternidade e amor, que só engrandece aqueles que a tornaram possível e assim lançaram um desafio à «grandeza e opulência» dos grandes magnates das finanças e da indústria, a todos, enfim, — ricos e remediados — que nesta quadra festiva do Natal bem podem seguir-lhe o exemplo, transformando em felicidade, embora transitória e fugaz, tanta miséria que vai pelo mundo!

Bem haja o «Diário Popular» pela sua ideia feliz neste Natal de 1962! Oxalá outras

Lar da Criança

A Direcção do Lar da Criança cumprimenta todos os benfeitores desta instituição de caridade desejando-lhes Boas-Festas e um Ano Novo pleno de venturas. Aproveita o ensejo para expressar o seu agradecimento ao grupo de alunos do C.I.S.M.I. a generosa oferta de 205\$50 e ao sr. José Marques a dádiva de 250\$00, destinada à ceia do Natal das crianças.

semelhantes se sigam e proliferem de Norte a Sul do País, de modo que Portugal inteiro se transforme, no Natal de 1963, no país da fraternidade e amor, onde aqueles que podem dêem uma migalha do que lhes sobra, aqueles que precisam!...

Estamos daqui a ver quanta alegria não chegaria a muito lar humilde dessa Tavira — desse bairro dos pobres a que está ligado o nome de um grande benemérito da nossa terra, José Joaquim Jara — se cada tavirense, com possibilidades, lá fosse buscar uma criança pobresinha, vestindo-a, sentando-a à sua mesa, compartilhando com ela as alegrias e os carinhos que enternecidamente proporciona aos seus filhos.

Deus, lá do Céu, talvez lhe agradecesse mais do que muita caridade exibicionista que observamos a par e passo. Referimo-nos a certas festas e quermesses... chás canasta de caridade, etc...

É que muitos de nós nos esquecemos que em cada criança que anda pelas ruas vendendo «bocas de cavaletes», pedindo dinheiro à porta das igrejas ou pelas esplanadas dos cafés, apanhando pontas de cigarro, pelas esquinas, aprendendo a ser — talvez — um futuro criminoso ou ladrão, transviado ou vagabundo, numa cidade buliçosa como esta, ou pacata como essa Tavira distante, dormindo nos vãos das portas ou nos «calões da baixa-mar» morrendo de frio sobre os viadutos nas noites frias de Inverno, em cada criança dessas pode estar o filho que tu, leitor amigo, nunca tiveste; o órfão que passa miséria e fome e se corrompe, analfabeto e maltrapilho, podia ser o teu órfão ou o nosso!

Essa criança precisa que vós leitores, tendes em casa, filho ou neto, já pensaste que qualquer fatalidade, fácil de acontecer e da qual ninguém está livre, dada a condição humana, — doença, desemprego, ou morte, — essa criança dizíamos nós, já pensaste que também podia andar pela rua, sem pai e sem família, como um vagabundo? Correndo todos os riscos do corpo e da alma, abandonado de tudo e de todos?

Já pensaste, leitor amigo, que os grandes criminosos também foram crianças inocentes, também foram adorados pelos pais, e, depois, resvalaram para o crime, por abandono, orfandade, ou por alguma desgraça ignorada das quais nenhum de nós pode jurar que está livre, por mais rico e protegido que se sinta hoje? As crianças são os filhos da

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

FUTEBOL Festa com Deus

CONTO DE 4.ª PÁGINA

Campeonato Nacional da I Divisão

Feirense 1 — Olhanense 0

Desfalcado do seu defesa central Luciano, o Olhanense, como recurso, utilizou Gralho, normalmente jogador do sector atacante, voltou a apresentar o quinteto avançado na máxima força, tendo reaparecido Tonho e Casaca, aquele refeito das «maselas» causadas pelo último Olhanense — Benfica, e este a satisfazer, possivelmente, ou uma lacuna na asa esquerda do ataque de Olhão, ou integrado num plano tático adoptado pela equipa, e acabou por ser derrotado por uma bola sem resposta, isto quer dizer que a equipa algarvia é a primeira que perde pontos ou que regressa derrotada do campo da Vila da Feira.

Campeonato Nacional da II Divisão

Farense 0 — Portimonense 1

Foi uma surpresa este jogo entre algarvios. O Farense, no seu ambiente, fracassou no ataque, frente à jovem equipa barlaventina. Dominou, mas não marcou. Por sua vez o vencedor foi dominado territorialmente e tecnicamente, mas averbou os 2 pontos de vencedor. Parabéns, pois, à defesa do Portimonense que soube impor respeito ao ataque de Faro.

Lusitano 0 — Torreense 2

A invencibilidade dos donos da casa deixou de existir. Contra factos não há argumentos. As coisas não correram bem.

Silves 0 — Sacavenense 0

A equipa algarvia não soube aproveitar o factor «ambiente», acabando por ceder 1 ponto ao adversário. Encontra-se em último lugar a 4 pontos dos concorrentes mais atrasados, sem possibilidades de recuperar.

Jogos para hoje:

I Divisão

Olhanense — Guimarães

II Divisão

Lusitano — Montijo
Seixal — Silves
Sacavenense — Farense
Portimonense — Peniche

I. C.

TOTOBOLA

16.ª Jornada 6/1/63

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1 Atlético — Porto . . .	2
2 Leixões — Setúbal . . .	1
3 Feirense — Cuf . . .	1
4 Guimarães — Benfica . .	x
5 Barreir. — Académica . .	x
6 Lusitano — Belenenses .	1
7 Salgueiros — Covilha . .	2
8 C. Branco — Boavista . .	1
9 Oliveirense — Leça . . .	1
10 Montijo — Torreense . .	2
11 Silves — Alhandra . . .	2
12 Farense — Seixal . . .	1
13 Portaleg. — Oriental . .	x

Jorge Cruz

Sociedade em geral. Um povo que abandona ao desamparo as suas crianças, não é digno da protecção de Deus, esse Deus — que também foi menino no presépio de Belém — e que daqui a pouco iremos adorar nesta noite de Natal. Noite de ternura! Noite de fraternidade! Noite de amor!

A nossa prece, nesta noite de Natal, será para que o Deus Menino faça com que na nossa terra, no ano próximo, não fique uma criança pobresinha, sem sentir a alegria que sentiram esses quatro garotos protegidos pelo «Diário Popular» que ontem viveram a melhor data da sua vida. Assim seja!

O boieiro da Corte da Umbria era seco como um tronco de azinho e mais velho que a estrela polar.

Sereno como a água do peço e simples como qualquer calhau da barreira, todas as tardes lá ia dar água às vacas e de manhã partia com elas à relva do pastagal. Nada mais conhecia do mundo. Esquecera-lhe já a família, o tempo da tropa, as idas à feira a comprar as rezes. Dia a dia minguavam-lhe as forças e deixava o gado roer as figueiras, com grande desprazimento do lavrador que o contratara.

Deram-lhe um ajudante e ele de ir ao pastio. Comia do amor de Deus que a tia Vicência, a sogra do patrão, lhe dava todos os dias. Mas, naquele Natal, o Zé boieiro resolveu «ir para baixo», como quem diz, descer da serra e aproximar-se da cidade.

— Pois onde vai vom'cê, Ti Zé? — perguntava a mocinha fagueira que voltava com a quarta ao quadril.

— Passar a festa com Deus! — era o que sabia responder, olhando ao largo os cerros amodorrados na lonjura distante, velada de neblina rouxa.

— Resolvi — monologava em seu pensamento, ele, que nunca tinha resolvido nada, nada escolhido, nada pensado, senão a sua vida quotidiana de guardador de reses.

E veio andando, andando, à beira das encostas envernizadas da resina de esteva, vendo longe em longe as moitas de rosmão, as bagas de medronheiro coradas pelas soalheiras o as murtas enfeitadas com o azeviche dos sens martuços.

Deixava os pés escolherem o trilho. Eles lá sabiam! E saboreava, quase contente, a palavra que o seduzira: Resolvi. A sua resolução dava-lhe asas e forças. O cajado, de crossa larga, ajudava o passo. Zé boieiro chegou à cidade por noite cerrada e caminhou de lampião em lampião, sempre adeante. Como à borboleta, as luzes convidavam-no a aproximar-se e não sentia o formigueiro da fadiga nem a necessidade de comer.

Caminhava, caminhava sem saber para onde, quando passou pela porta aberta da igreja. — Eh, lá! se entrava e saía gente, com tanto despejo, é que ele também poderia entrar. E entrou.

Viu homens sem chapéu e tirou o seu, por lhe parecer de preceito. Depois, com o seu passo miúdo de serrano, avançou pela nave para ver de perto o que ia lá adiante. Tropeçou, caiu-lhe o cajado. Um cão escondido debaixo do banco assustou-se e saltou em desafortados ladrados. Os assistentes riram e o sacristão apresentou-se a enxotar o animal e repreender o causador de tão real desacato.

Zé boieiro sentiu-se vexado mas as luzes no altar eram tantas, o latim do Padre tão vigoroso reboava e os cânticos em fortes catadupas musicais desciam do coro com tanta intensidade, que o pobre velho se ficou pasmado e procurou aproximar-se mais do altar.

Ja já sabindo, disposto a passar a teia quando, supondo-o doido, dois homens o agarraram para o fazerem descer.

O velho estrebuchou, quis teimar em avançar e, como o segurassem com mais força, zangou-se:

— Má rais! Que têm que ver mais eu estes pedaços de asnos?

Nos bancos foi hilaridade geral. Houve sorrisos mal disfarçados e gargalhadas irremprimíveis.

Zé boieiro compreendeu que estava a ser motivo de zombaria e, enfrontado na sua humilhação, era a pública forma dum idiota. Retrocedeu. Voltou para fora



Teatro António Pinheiro

— Espectáculos da semana Hoje apresenta, para maiores de 17 anos Ester e o Rei com Jean Collins e Richard Egan, em Cinemascope Technicolor. Em complemento, O Assassino da Voz Meiga em Cinemascope com Hugo O'Brian e Robert Evans.

Terça-feira, para maiores de 12, Cartago em Chamas em Cinemascope Technicolor com Pierre Brasseur e Daniel Gelin.

Quinta-feira, para maiores de 12 Arquimedes e Vagabundo com Jean Gabin e Darry Cowl.

Sábado para maiores de 17 A Deusa com Kim Stanley e Lloyd Bridges. Em complemento, A Cidade do Medo com Vince Edwards e John Archer.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Sousa.

Promoção

Foi promovido ao posto actual, o 2.º sargento-enfermeiro naval, nosso conterrâneo e assinante sr. Quintino Martins. As nossas felicitações.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência Casa de Crédito Popular

No dia 20 de Fevereiro próximo futuro, pelas 16,30 horas, proceder-se-á na Agência da Casa de Crédito Popular, em Tavira ao leilão de penhores, nomeadamente dos existentes na Agência, cujos contratos tenham um atraso superior a três meses no pagamento de juros.

e começou de novo a andar, sem destino, saindo duma rua e entrando noutra. Arrefecia. Todas as portas cerradas, e ele que vinha passar a festa com Deus, sem saber onde nem quem, só porque tinha resolvido.

— Isto já é tarde. Melhor buscar um canto para dormir e amanhã veremos.

E à busca do canto para dormir desviou-se e foi dar de novo à estrada. Ali sim, era mais largo, havia ar. Mas veio um barulho enorme, duas luzes de repente e... mais nada.

À meia noite os anjos surgiram em cortejo para virem, invisíveis, beijar o pé ao Menino deitadinho no sacristão. Passaram na estrada e um deles baixou-se a apanhar qualquer objecto caído.

— Oh! que coisa linda, esta flor. Olhai! — disse a outro anjo — Vou oferecê-la ao Deus escondido.

E, mal chegou à igreja, o bom anjo ofereceu ao Menino a flor preciosa.

— Que aroma delicioso que esta flor espalha! — disse a Virgem sorrindo.

E S. José, passando a mão pela barba, esclareceu:

— É o aroma da simplicidade guardada na alma dum pobre maior que mesmo agora entrou no Céu para passar a festa com Deus.